

O CONCEITO BAKHTINIANO DE PALAVRA: ANÁLISE EM UMA CAPA DE REVISTA

Priscilla Teixeira Mamus¹

RESUMO: A linguagem é elemento fundamental para que ocorra a comunicação humana, seja por meio de palavras, gestos ou qualquer outra forma. Independente do modo com o qual a comunicação é feita; seu objetivo é despertar reações e gerar efeitos. Nesse sentido, o uso da língua é considerado em situações e contextos concretos, isto é, a forma linguística serve para um contexto específico, tornando-se um signo adequado a ele. Assim, o indivíduo comunica-se com o outro, apreende sua palavra e reage a ela, refutando, convencendo, respondendo de forma ativa e transformando a palavra do outro na palavra dele. Mas o que é palavra, nas concepções de Bakhtin e o círculo? Este trabalho, portanto, apresenta o conceito de Palavra no gênero discursivo capa de revista, dentro dos pressupostos teóricos de Bakhtin e o círculo, a partir dos fundamentos da linguística da enunciação e sob a concepção dialógica de língua.

Palavras-chave: Palavra; gênero discursivo; capa de revista.

THE BAKHTINIAN CONCEPT OF DISCOURSE: ANALYSIS IN A MAGAZINE COVER

ABSTRACT: Language is a key element for the occurrence of human communication, whether through words, gesticulation or otherwise. Regardless of the type of the communication, its goal is to awaken reactions and generate effects. In this sense, the use of language is considered in concrete situations and contexts, i.e., the linguistic form is for a specific context, making it an appropriate sign. Thus, the person communicates with others, grasps his discourse and reacts to it, rejecting, convincing, responding actively and making the other's discourse one's own. But what is discourse for Bakhtin and the circle? This paper introduces the concept of discourse on the discursive gender magazine cover, within the theoretical framework of Bakhtin and the circle, based on the enunciation linguistic grounds and under the dialogical conception of language.

Keywords: Discourse; discursive genre; magazine cover.

¹ Doutoranda em estudos linguísticos na Universidade Estadual de Maringá e Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. primamus@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem é o elemento fundamental para que ocorra a comunicação humana, seja por meio de palavras, gestos ou quaisquer outras maneiras de se comunicar. Independente do modo com o qual a comunicação é feita, seu objetivo é despertar reações e gerar certos efeitos entre aqueles que dela participam, já que nenhuma forma de comunicação é neutra, mas repleta de intencionalidade. Na comunicação por meio da linguagem, especificamente da ação verbal, como vemos em Koch (1996, p. 19): “A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade”. Dessa forma, observa-se que a linguagem é carregada de história, cultura e ideologia.

Conforme Bakhtin/Volochinov (1992, p. 124), a comunicação compreende situações sociais concretas nas quais os indivíduos envolvidos interagem, e são nessas situações concretas onde “a língua vive e evolui historicamente, (...), não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.” Isso remete a pontos importantes para a compreensão de linguagem e, conseqüentemente, de língua e interação nos conceitos bakhtinianos.

Tais pontos dizem respeito ao uso da língua não como um “sistema de formas normativas”(idem, 1992, p. 92), pois esse sistema “é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados.” Por outro lado, o uso da língua é considerado em situações e contextos concretos, isto é, a forma linguística serve para um contexto específico, tornando-se um signo adequado a este contexto. Assim, o indivíduo, inserido em tal contexto, comunica-se com o outro, apreende sua PALAVRA e reage a ela, refutando, convencendo, respondendo de forma ativa e transformando a palavra do outro na palavra dele. Vale ressaltar, a partir disso, que o indivíduo falante constrói seu discurso a partir do que apreende do discurso alheio e, por isso, é perpassado por várias vozes.

Mas o que é palavra, nas concepções de Bakhtin e o círculo? Para a melhor compreensão desse conceito, bem como de outros intrinsecamente a ele ligados, esta pesquisa organiza-se de forma a apresentar a Palavra, cujos conceitos estão dispersos e construídos no decorrer dos escritos do círculo do qual Bakhtin faz parte; em seguida, é apresentado um pequeno histórico sobre a revista *Veja* e as características do gênero capa, pois formam o *corpus* de análise; por último, os conceitos são aplicados na análise da capa da revista, a fim de contribuir com a compreensão da Palavra e com a caracterização do gênero.

A CONCEPÇÃO DE PALAVRA EM BAKHTIN E O CÍRCULO

Conforme Bakhtin/Volochinov (1992), os quais têm grande interesse pela linguagem, ao sujeito falante, ou locutor, importa a língua em funcionamento, em uso real, isto é, ele não se serve na língua enquanto sistema de formas linguísticas neutras e impessoais. E se a língua é considerada em sua forma concreta, destaca-se, então, o processo de interação ao qual os interlocutores estão submetidos, de modo que a enunciação – ou interação verbal – é o meio pelo qual eles produzem sentidos. Para o locutor, “o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto” (BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N., 1992, p. 92). Logo, observa-se a concepção sociointeracional de língua.

Os filósofos da linguagem afirmam que pensar a língua como um sistema fechado de normas é cometer um erro, pois essa visão estruturalista não prevê a forma social de sua compreensão. Além disso, é preciso ver a forma linguística como um signo adequado a um determinado contexto sócio-histórico, cujo significado seja entendido por seus interlocutores na interação:

de fato, a forma linguística (...) sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (idem, 1992, p. 95).*

A situação social, portanto, determina a palavra, também entendida como discurso, que é o produto da interação e varia conforme o interlocutor e sua esfera social.

Segundo Stella (2005), conceituar *palavra*, na obra bakhtiniana, é difícil por dois motivos: pode ser traduzida, do russo, tanto por *discurso* como por *palavra* mesmo; e porque as definições estão diluídas no decorrer dos escritos. Uma forma de se compreender o conceito é retomar, de modo mais abrangente, o que Bakhtin trata de forma e signo.

Os interlocutores de um mesmo grupo social, diante de formas linguísticas em determinados contextos, procuram interpretá-las e compreendê-las, ou seja, descodificam-nas. Assim, as formas passam a signos porque foram entendidos, e não apenas reconhecidos como

sinais da língua. Como a descodificação depende de cada indivíduo, ela é idiossincrática. Clark e Holquist (2004, p. 234) afirmam que:

o único meio pelo qual as palavras podem significar é serem entendidas [...]. O que é importante para ele [Bakhtin] não é que uma palavra seja um sinal estável e sempre auto-equivalente, mas um signo adaptável e sempre mutável (CLARK & HOLQUIST, 2004, p. 234).

Logo, cada contexto confere à palavra um sentido particular, garantindo a sua “mobilidade específica” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 94). Dentro dos contextos possíveis, a palavra é carregada de ideologia por fazer parte de um universo real, no qual locutor e receptor fazem uso dela para estabelecer a comunicação conforme suas necessidades. Nesse universo real, os sentidos são gerados e controlados por mecanismos sociais, ou seja, o falante escolhe a melhor palavra conforme a situação e, ao fazer a escolha para o seu discurso, transforma a palavra. Isso quer dizer que ele lança a palavra marcada por sua ideologia e, ao ser devolvida pelo interlocutor, a palavra é outra, possui outros sentidos, outras ideologias. Dessa forma, na interação, a palavra muda de posição e vai se revestindo de novos sentidos, valores, novas vozes. Por essa razão é que Bakhtin concebe a palavra como dialógica, pois ela é revestida de várias vozes e sentidos no jogo da comunicação.

Para Bakhtin (1992, p. 113), se a palavra é o produto da interação, quer dizer que ela é proferida por alguém e se dirige para alguém; é uma espécie de ponte discursiva por onde os interlocutores participam do processo comunicativo. Por meio dessa metáfora, é possível dizer que as interações sociais e ideológicas que dão sentido às palavras estão em cima da ponte. Nela, então, é onde estão as marcas históricas e culturais que mudam conforme a sociedade muda, e os locutores orientam sua palavra de acordo com tais marcas e mudanças, processo pelo qual o contexto reflete e refrata a realidade produzida pelos interlocutores. As palavras, portanto, perdem seu sentido fora do contexto e voltam a ser apenas sinais, como visto anteriormente.

Sobre a propriedade da palavra percorrer vários contextos, Stella (2005), com base na teoria bakhtiniana, aborda quatro princípios que norteiam a concepção de palavra: Pureza Semiótica, Interiorização, Participação em todo Ato Consciente e Neutralidade.

Embora a palavra dicionarizada tenha uma significação estabilizada, ela pode ser utilizada em diversos contextos, ou seja, em cada situação ela servirá conforme as ideologias e significados que o locutor quer dar ao seu discurso. Isso diz respeito a sua Pureza Semiótica.

Sobre a propriedade da Interiorização, Stella (2005) diz que o sujeito possui, em seu interior (em sua consciência), um mundo construído por palavras com as quais ele entrou em contato no mundo exterior e, ao interiorizar essas palavras carregadas de significados, ele as transforma e dá a elas novas significações. Assim, é a palavra que liga os sujeitos ao mundo real. A partir disso, a palavra perpassa o universo interior e exterior dos falantes e, após ser interpretada e compreendida, funciona em diversos contextos, caracterizando a sua propriedade de Participação em todo Ato Consciente.

A quarta propriedade citada por Stella (2005) é a Neutralidade. Essa neutralidade não é aquela relacionada ao sistema abstrato das formas linguísticas vazias de ideologia e descontextualizadas. É aquela que, conforme o autor, dá ao signo a possibilidade de funcionamento em diversos contextos, pois a palavra é neutra até que seja inserida em um processo comunicativo concreto, no qual suas marcas históricas e ideológicas irão aparecer. Bakhtin (1992) afirma que a palavra aceita qualquer carga ideológica em todos os domínios sociais, e também salienta que “as palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2003, p. 290).

No processo comunicativo, portanto, o falante dá significado às suas palavras e o receptor, ao compreendê-las, ocupa uma posição ativa responsiva, isto é, ele concorda ou não, aceita ou não, reformulando as palavras por meio de suas réplicas. As réplicas, dessa forma, são as apropriações das palavras dos outros e transformações em palavras próprias, e são desenvolvidas no discurso. A partir disso, Bakhtin (2003) aponta para três aspectos sob os quais a palavra existe para o falante: a palavra *neutra*, a palavra *alheia* e a palavra *minha*.

O primeiro aspecto é como o apontado por Stella (2005), sobre a neutralidade da palavra, ou seja, ela não pertence a ninguém e está disponível no sistema da língua até que seja inserida em um contexto real de comunicação. Quanto ao segundo aspecto, as palavras são *alheias* porque estão “cheias de ecos de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 294), mantendo sempre uma relação dialógica com as palavras dos outros. No entanto, o falante pode apropriar-se das palavras dos outros e transformá-las em palavras próprias (*minhas*), dando a elas novos significados. Essas “novas” palavras são subjetivas, pois mostram algo que vai além das palavras alheias; são contrapalavras, reações às palavras *alheias*.

Ao fazer uma leitura do conceito de palavra de Bakhtin e o círculo, Freitas (1999) a trata como “signo verbal ideológico”, e conclui que ela

é capaz de refletir e modificar uma dada situação dialógica entre os interlocutores, devido às individualidades que estão em interação, cada qual com sua singularidade histórica e o pertencer concreto a uma determinada classe social, a um grupo político, cultural, econômico ou religioso específico. Cada um dos interlocutores se apresenta por inteiro, na interação verbal, com seus valores, crenças, preconceitos e interesses específicos (FREITAS, 1999, p. 31).

As considerações até aqui estabelecidas serão retomadas, posteriormente, na análise, a fim de serem mais bem explicitadas.

A CAPA DA VEJA: O GÊNERO E A REVISTA

O uso da língua é marcado em função do discurso e também por escolhas paradigmáticas, isto é, os falantes fazem suas opções conforme sua intenção, dentro do sistema linguístico, e empregam seus enunciados no processo comunicativo. Conforme Bakhtin (2003), esses enunciados concretos são elaborados por meio de conteúdo temático, de estilos linguísticos específicos e por sua composição estrutural. A partir disso, refletem as características peculiares e as finalidades de cada campo da atividade humana. Todos esses elementos que compõem o enunciado são determinados pelo grupo social do qual os falantes fazem parte.

As formas de uso da língua são tão diversas quanto os campos da atividade humana. Logo, na interação verbal, cada participante tem o seu papel e a sua finalidade comunicativa, e é essa finalidade que determina o conteúdo temático e os outros elementos que caracterizam as multiformas de comunicação. Segundo o filósofo russo, “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (2003, p. 262).

Os gêneros são relativamente estáveis porque não são formas fechadas, pois acompanham as mudanças sócio-históricas e culturais da sociedade, a qual é dinâmica e está em constante resignificação. Assim, eles organizam o modo como os falantes usam a linguagem. Nesse sentido, em cada situação comunicativa o gênero discursivo é marcado por um estilo peculiar a sua finalidade:

Os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de

comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e (...) de determinadas unidades composicionais: de determinado tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 266)

Observa-se, portanto, que a composição de um gênero envolve não só a finalidade comunicativa, mas também de onde o falante elabora seus enunciados, para quem ele elabora, qual o campo da atividade humana e a esfera social em questão. Além disso, as palavras que compõem um gênero são selecionadas conforme a especificidade de seu contexto, a partir de enunciados já existentes, e não escolhidas em sua forma dicionarizada. Dessa forma, os significados das palavras selecionadas estão relacionados à realidade e contexto típicos de onde surgem os gêneros. Muitos elementos, então, propiciam o surgimento de determinados gêneros.

A capa de revista é um gênero que surge do meio midiático. Conforme Pinheiro (*apud* FARENCENA & PEREIRA, 2005), os gêneros relacionados à mídia envolvem os produtores e os receptores, cuja ligação é mediada pelo enunciado a partir de práticas socioculturais institucionalizadas. Os significados são produzidos pela relação entre a finalidade do produtor e a interpretação dos interlocutores.

De acordo com o estudo de Gomes (2010), o objetivo inicial da capa de revista é a venda. Por isso, é preciso que atraia a atenção dos leitores para a informação principal, em um primeiro momento, e para as demais. A informação principal aparece centralizada e destacada, e as demais ficam em menor proporção visual. Geralmente, os textos são formados por letras grandes e pequenas, acompanhados de figuras e cores para, assim, chamar a atenção e fazer com que o leitor compre o produto. Por envolver diversos elementos em sua construção, é um gênero multimodal e age como a vitrine de toda a revista, contendo pequenos enunciados que fazem a chamada da notícia.

A *Veja* é uma revista semanal de grande circulação e alto poder de repercussão no Brasil; trata de assuntos diversos, dentre eles política, economia, ciência e saúde, todos ligados ao momento vivido pela sociedade. Seu público-alvo, conforme pesquisa de Augusti (2005, p. 80), tem nível de escolaridade acima da média do país e é considerado formador de opinião, pois é influenciado por suas leituras. Assim o leitor, ao ter acesso à informação da revista, transforma as palavras da revista em palavras dele e emite suas réplicas, repletas de outras vozes e ideologias. Ainda segundo o pesquisador, como a *Veja* adquiriu um *status*

reconhecido no país, possui poder legitimado na veiculação de suas informações e tem a postura de ditar as regras para seus leitores.

As capas da *Veja* costumam evidenciar as reportagens mais profundas, abaixo do nome da revista, e possuem um padrão de diagramação. Os títulos das reportagens seguem com suas explicações e são acompanhados de ilustrações ou fotos. As reportagens de menor destaque aparecem, na capa, nas laterais e na parte superior da página. No *site* oficial, há um texto no qual a própria revista ressalta a relevância de suas capas:

Muitas capas de VEJA se tornaram registros históricos. É o caso, entre várias outras, da edição que tratou da promulgação do AI-5, em dezembro de 1968, ilustrada pela foto do general Costa e Silva em um Congresso literalmente esvaziado. É também o caso da revista que resumiu o afastamento de Fernando Collor de Mello da Presidência, em outubro de 1992, com uma palavra: “CAIU!” (assim, em letras maiúsculas seguidas de exclamação). Os episódios de imagens que simulam capas são, portanto, um reconhecimento tácito da presença da revista na vida brasileira.²

A partir dessas considerações, esta pesquisa passa a aplicar o conceito de Palavra, com base nos estudos de Bakhtin e o círculo, em uma capa da revista *Veja*.

AS PALAVRAS E SUAS SIGNIFICAÇÕES EM UMA CAPA DE REVISTA

A edição 2273 da revista *Veja*, de 13 de junho de 2012, trouxe na capa a foto de Elize Matsunaga, na ocasião, acusada de ter assassinado o marido Marcos Kitano Matsunaga no dia 19 de maio de 2012. O caso teve grande repercussão não só por Marcos ser sócio da Yoki, grande empresa do ramo alimentício, mas também pela forma como ele foi morto: após atirar no marido, a acusada esquartejou a vítima e jogou as partes do corpo em lugares diferentes. Como motivo para cometer o crime, Elize confessou ter descoberto traição do marido e, por ciúmes, gerou uma discussão que terminou em assassinato. Elize e Marcos se conheceram quando ela trabalhava como garota de programa; os dois se casaram e tiveram uma filha, a qual tinha um ano quando seu pai foi morto.

² <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/capas-atribuidas-a-veja-tentam-confundir-o-leitor/> Acesso em 13/08/2014.



Fig. 1 – Capa da revista Veja de 13/06/2012

O caso foi amplamente divulgado na mídia. Logo, ao ver essa capa de revista, o leitor remete ao assassinato e parte para a compreensão da palavra/discurso que a capa carrega. Em um primeiro momento, o que chama a atenção é a imagem de Elize: ela aparece deitada despida sobre um urso de pelúcia, com o semblante iluminado e o fundo escuro. Seu olhar parece ao mesmo tempo inocente e dissimulado. Todas essas questões opostas são reforçadas pelo título da principal reportagem da revista: MULHER FATAL. Essa composição provoca a ironia, pois Elize fica retratada como a ex-prostituta sedutora, mas agora acusada de assassinato.

Se os léxicos “mulher fatal” forem considerados fora do contexto, como formas da língua, teriam o significado dicionarizado, conforme o Aurélio *online*:

- Mulher: s.f. Ser humano do sexo feminino. / Aquela que atingiu a puberdade. / Esposa.
- Fatal: adj. Marcado pelo destino; inevitável, inexorável: consequência fatal. / Que atrai irresistivelmente: mulher fatal. / Mortal, derradeiro, final: golpe fatal. / Funesto, nocivo. / Que é do destino, do fado.

Nota-se, na definição de “fatal”, que o próprio dicionário traz a sua significação quando está determinando o sintagma “mulher”: que atrai irresistivelmente. Esse é o valor neutro do termo “mulher fatal”, ligado ao senso comum na ideologia presente na sociedade. Esse significado está relacionado à imagem sedutora de Elize na capa.

Vale ressaltar que, antes de conhecer seu marido, ela trabalhava como garota de programa. O leitor que está ciente dessa informação não compreende o discurso da capa apenas como o de uma mulher atraente, mas ele passa a fazer outras interpretações possíveis. Elize já não é mais a mulher sedutora, mas é a mulher acusada de um crime e com um passado que contribui com sua condenação.

Após ver a imagem e o título, o leitor passa à leitura do texto inferior, que diz: “A história de Elize Matsunaga, assassina confessa, que esquartejou o marido milionário enquanto a filha dormia”. Observa-se o uso de adjetivos e verbos por meio dos quais a palavra da revista *Veja* vai enfatizando o modo negativo com que retrata Elize. O leitor, ao entrar em contato com essa palavra, carregada de opinião e ideologia, transforma em palavras suas, concordando ou não com a posição marcada do veículo midiático.

O significado dos termos impressos deixa de ser apenas uma forma e passa a um sinal, fazendo com que seu novo significado seja o de fatal no sentido de mortal, inevitável. Trata-se da interiorização, conforme Stella (2005).

Assim, a palavra deve ser entendida dentro do contexto de todo o assassinato, desde o passado dos envolvidos até as investigações posteriores ao crime, pois, sem essas informações, não é possível relacionar todos os elementos constituintes e dar o real sentido ao discurso do gênero em análise.

A ironia construída pelos elementos opostos na capa, bem como o tipo de imagem e o texto que a acompanha tornaram-na uma espécie de vitrine para a reportagem principal no interior da revista. Além disso, como o assunto era vigente na época de sua venda, essa capa chamou a atenção para que os leitores a comprassem, cumprindo a sua finalidade enquanto gênero do discurso.

Conforme Benetti (2007, p. 46), em seu artigo “A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*”, a revista “estabelece, com seu leitor imaginado, uma relação paradoxal: por um lado, imagina-o como um leitor articulado, com bom nível de compreensão do mundo e da própria linguagem; por outro, imagina-o como um leitor ingênuo, cuja opinião deve ser construída pelos jornalistas”. Independente do tipo de leitor com o qual a revista se depara, ele sempre fará a sua compreensão da revista e terá as suas réplicas, sejam elas a favor ou não do que foi lido. Há o processo de interação entre a palavra da revista e o leitor, o qual faz parte de uma sociedade em um momento sócio-histórico específico, cujas ideologias aparecem na interação entre os participantes da comunicação, pois a palavra faz parte dos processos de interação, neste caso, entre o veículo midiático e seus leitores.

Todos os fatos ocorridos no caso Yoki (como ficou conhecido por meio da mídia) geraram diversas reportagens, diversas opiniões, que deram origem a novos discursos. Isso marca o caráter dialógico também existente na palavra da capa em análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição da capa em análise serviu aos propósitos da revista *Veja* de vender essa edição e apresentar o assunto de forma atrativa. O caso Yoki teve grande repercussão no país, gerando diversos discursos carregados de ideologias não só de cada indivíduo, mas também de toda a sociedade, dando ao assunto diversas vozes e opiniões. O dialogismo presente nas palavras dos outros, especificamente na palavra da capa da revista, apareceu de forma a gerar diferentes réplicas de seus leitores, os quais dialogam com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores:

A experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação das palavras *do outro*. Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados, é pleno de palavra dos outros (BAKHTIN, 2003, p. 294)

As palavras, portanto, são determinadas pela época, pelo meio social de onde são proferidas, e até mesmo por “autoridades”, como o jornalismo, no caso da revista. A forma como o leitor irá transformar as palavras dos outros e emitir suas réplicas depende do nível de consciência e compreensão que ele tem dessas palavras, pois a palavra, segundo o filósofo russo (1992), é a miniatura de uma arena onde valores sociais de orientações contraditórias estão em luta, isto é, o falante está em uma corrente ideológica a partir da qual ele constrói sua visão de mundo, e suas palavras carregam essas marcas ideológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTI, A. R. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. *Revista Líbero*, São Paulo, v. 20, pp. 35-46, 2007.

CLARK, K; HOLQUIST, M. O Marxismo e a Filosofia da Linguagem. *Mikhail Bakhtin*. Trad. de J. Guinshuy. São Paulo: Perspectiva, pp. 233-255, 2004.

FARENCENA, G.; PEREIRA, L. As especificidades do gênero capa de revista. *Revista Ideias*, Santa Maria, n. 21, pp. 68-73, 2005.

FREITAS, A. F. de. *Palavra: signo ideológico*. Maceió: EDUFAL, 1999.

GOMES, M. C. A. Ação social midiaticizada: analisando a recontextualização de um evento social. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, pp. 293-313, mai./ago. 2010.

KOCH, Ingedore. *A argumentação pela linguagem*. 4ªed. São Paulo: Cortez, 1996.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAITH, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, pp.177-190, 2005.

Recebido em 30/03/2015.

Aceito em 29/04/2015